

# TABULEIRO DE LETRAS

## **As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil**

## **The diasporas of the black fag: being black and gay in Brazil**

Lucas Veiga<sup>1</sup>

RESUMO: Este artigo foi escrito a partir do trabalho clínico realizado com negros homossexuais, bem como a partir de minha própria experiência. Relaciono a diáspora africana com a experiência da homossexualidade negra, apontando que as bixas pretas experimentam, duplamente, a sensação da diáspora.

Palavras-chave: Homossexualidade negra; Diáspora; Colonialismo

RESUMO: This article was written from the clinical work performed with black homosexuals, as well as from my own experience. I relate the African diaspora to the experience of black homosexuality by pointing out that black fag experience doubly the sensation of the diaspora.

Keywords: Black homosexuality; Diaspora; Colonialism

Homem - branco - hétero. Intersecções daquilo que numa sociedade patriarcal como a nossa estabeleceu-se como padrão. O padrão só pode existir como tal se coexistente a ele está algo fora do padrão. Nesses termos, o homem, branco, hétero estabeleceu-se como padrão; e a mulher, a transgeneridade, o negro, o índio, o *gay* foram relegados à condição de fora do padrão.

O estabelecimento de um determinado modo de ser no mundo, forjando-se a partir da negação de outros modos de ser, não pode se dar senão por um processo de violência. Vivemos numa sociedade constituída e constitutiva pela e da violência. A norma homem-branco-hétero exerce sobre as demais subjetividades um efeito colonizador e extrativista. Colonizador no sentido de impor-se violentamente sobre o outro, por considerá-lo menor. Extrativista no sentido de sugar a energia vital de quem está fora da norma, por meio de violentos processos de submissão. Colonizadores da subjetividade e conseqüentemente de

---

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: lucasmottaveiga@gmail.com

toda uma geografia mundial, a partir do que se convencionou chamar Expansão Marítima. A expansão para o homem-branco-hétero só é válida se incluir a diminuição da existência ou do território do outro. “Narciso acha feio o que não é espelho”. O período colonial e a escravidão, bem como o machismo, o racismo e a lgbtfobia são nomes para a violência exercida pelo homem-branco-hétero, o duplo colonizador.

A colonização e a acumulação de capital que ela proporcionou aos colonizadores foi condição de possibilidade para o desenvolvimento do modo de produção capitalista. Modo de gerir a economia pautado na mesma lógica que funda o homem-branco-hétero como norma e quem não é homem-branco-hétero como anormal: para ser rico, tem que haver pobres; para um ter lucro, alguém tem que ter prejuízo. Todo nosso tecido social é constituído violentamente. Quanto mais marcas fora do padrão uma pessoa possui, mais violências ela sofre, e quem gera e perpetua essa violência é o padrão.

Neste texto, falo da experiência daqueles que, assim como eu, possuem a negritude e a homossexualidade como marcas que, numa sociedade supremacista branca e héteronormativa, a exemplo da nossa, são lidas como menores no sentido pejorativo mesmo da palavra.

#### Diáspora - parte 1

A saída forçada de África e a vida num país anti-negro são elementos que se entrecruzam na produção da subjetividade negra. A subjugação dos africanos à condição de escravos produziu efeitos devastadores em suas subjetividades. Para além das mortes de africanos nos porões dos navios, nas rebeliões, nos castigos perpetrados pelos colonizadores, muitos africanos em condição de escravidão atentaram contra a própria vida. A retirada forçada de sua terra, de sua comunidade, de sua língua, de seus laços afetivos e a subsequente diáspora pelo mundo na condição de escravos tiveram efeitos de desterro e de perda de referências tão acentuados que a própria identidade e consciência corporal entravam num processo de desintegração. O resgate da cultura africana por meio do canto, da dança e da espiritualidade foram elementos fundamentais na preservação, ao menos em parte, da saúde mental dos africanos. As fugas e construções de quilombos garantiram o restabelecimento do senso de identidade e de coletividade dos africanos, permitindo que, por piores que fossem as condições de vida, muitos sobrevivessem e inscrevessem em terras brasileiras as heranças culturais de África.

Como descendentes de africanos escravizados nascidos pós-abolição, e ainda que não tenhamos vivido os horrores da escravidão do modo como nossos ancestrais viveram, trazemos em nossa memória corporal as marcas desse período. Para além disso, estamos inseridos num país que implementou e que perpetua com múltiplos dispositivos uma política de embranquecimento da população. Política esta que se inaugura com a abertura do país para a entrada de imigrantes europeus no início do século XX e que se desdobra até os dias de hoje, de modo que a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado<sup>2</sup>; em que a expectativa de vida dos negros é seis anos a menos do que a dos brancos<sup>3</sup>; em que 75% da população mais pobre é negra<sup>4</sup>; em que apesar de ser mais de 54% da população nacional, negros são minoria no congresso, na academia, na televisão e em todos os espaços de poder da sociedade (CARNEIRO, 2011).

Vivemos num país anti-negro e isso tem nocivos efeitos sobre as subjetividades negras. O termo subjetividade aqui se refere à produção de modos de ser, estar, sentir e perceber o mundo. São inúmeros os vetores que se atravessam na constituição das subjetividades. O racismo é um desses vetores que, nas subjetividades negras, é o catalisador dos demais, a partir do qual toda uma configuração existencial é montada. Numa sociedade supremacista branca como a que vivemos, ser negro é, num certo sentido, não ser humano. A racionalização branca produziu um senso de humanidade à sua imagem e semelhança, ou seja, quanto mais próximo da brancura, mais reconhecido como humano se é; quanto mais próximo da negritude, menos humano se é. Tal construção do racismo é um ataque direto ao sentido africano de humanidade no qual “ser humano é ser um espírito em contato constante com os poderes espirituais que habitam o invisível; ser uma força espiritual conectada a uma energia em eterna expansão cuja totalidade constitui o Ser Supremo” (NOBLES, 2009, p. 282). A pessoa humana, assim como todo ser existente, é de um valor incomensurável e, portanto, é livre.

A colonização nos afastou dos sentidos africanos de vida e de humanidade, relegando-nos ao modo de viver e de pensar do colonizador. Certamente que a resistência africana no período escravocrata e na contemporaneidade é condição de possibilidade para a manutenção dos sentidos culturais de África, ainda que um embate permanente entre a cultura de nossos

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-11/onu-lanca-campanha-no-brasil-para-alertar-sobre-violencia-contr>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/node/6133/>.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://exame.abril.com.br/economia/o-tamanho-da-desigualdade-racial-no-brasil-em-um-grafico/>.

povos originários e a cultura europeia-colonizadora se dê tanto no plano político quanto no plano subjetivo. A esse respeito, nos diz Stuart Hall:

Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertencço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma chegada sempre adiada” (HALL, 2003, p. 415).

É próprio da negritude, com todas as intersecções que a ela podemos relacionar, o “afeto-diápora” como sendo a sensação permanente de estar fora de casa, fora da possibilidade de ser integrado e genuinamente acolhido onde se vive. A subjetividade negra é diaspórica, por trazer em sua memória corporal e genealógica a saída de seu lar, de seu espaço de segurança, de afirmação de si e da cosmogonia de seu povo.

Tendo sido sequestrados de suas origens, a relação do povo negro com a nova casa é a relação de um sequestrado com o cativo. Isso se deu no século XVI, quando do início do tráfico de negros escravizados de África para as Américas, e isso continua se dando no século XXI, porque os efeitos desse sequestro e da subsequente escravização negra continuam presentes até hoje. O povo negro vive, desde sua saída forçada de África, num ambiente anti-negro, racista, que opera com inúmeros dispositivos para exterminá-lo. Não há descanso e muito menos a possibilidade de se sentir em casa, mesmo estando vivendo no Brasil há cerca de quinhentos anos.

## Diáspora - parte 2

A descoberta da sexualidade pelos homens negros – e aqui me refiro à sexualidade homoerótica como sendo também o lugar de onde falo – reintroduz na experiência subjetiva destes a sensação de diáspora.

No processo de desenvolvimento dos garotos negros está colocada, desde sempre, a possibilidade de afirmação e proteção de si pela via da submissão ao modo de vida do sequestrador, no caso, do homem-branco-heterossexual. A masculinidade ocidental que sustenta a lógica violenta do patriarcado é branca. Como não é possível a um homem negro deixar de ser negro, ele negocia a autopreservação e o amor do sequestrador, incorporando seus códigos morais e comportamentais, transformando-se num macho-beta. Isso porque, numa

sociedade em que se defende, de inúmeras formas, a supremacia branca, o papel de macho-alfa pertence somente aos homens-brancos-héterossexuais que fundam e refundam *ad infinitum* esse sistema.

A internalização da masculinidade branca pelos homens negros como tentativa de ser reconhecido como pessoa, como homem, como digno de valor, comparece, por vezes, em comportamentos violentos para com aqueles do seu povo que questionam e se deslocam desse padrão héteronormativo. “O movimento social negro acabou por produzir um certo masculinismo negro como a pré-suposição de uma identidade negra que é masculina, que exclui a mulher, que exclui o homossexual”, afirma Pinho (2004, p. 129). Esse masculinismo negro é tóxico, tanto para os homens negros héterossexuais quanto mais para as mulheres e LGBTs negros que, não bastasse sofrer as limitações e violências produzidas no seio da sociedade supremacista branca em que vivemos, sofrem também por parte de algumas pessoas do seu próprio povo com quem partilham opressões de raça, mas com quem não é possível contar e/ou confiar plenamente, porque a diferença de gênero e de orientação sexual faz com que o homem negro hétero, as vezes, se sinta numa posição superior em relação à mulher e aos LGBTs e, dessa posição, reproduza violências que sofre enquanto um copro negro no mundo sobre os corpos negros que trazem outras marcas memorizadas além da negritude.

Diante da héterossexualidade compulsória própria da masculinidade ocidental e diante da recusa subjetiva dos garotos negros homossexuais a se submeterem a ela – recusa esta que num primeiro momento se dá à sua própria revelia, posto que é muito comum garotos negros homossexuais negarem ou camuflarem a sexualidade para se proteger –, os garotos negros homossexuais experimentam a diáspora pela segunda vez.

A descoberta da homossexualidade pelos garotos negros, que a partir deste momento do texto chamarei de “bixas pretas”, os faz experimentar uma segunda diáspora, porque os retira novamente da possibilidade de serem integrados e acolhidos, mas de forma ainda mais nociva, haja vista que essa segunda barreira à aceitação se dá em seus próprios quilombos, ou seja, em sua família, em sua comunidade, e até mesmo nos movimentos negros. Um impasse é colocado frente às bixas pretas: negar a própria sexualidade e aderir à masculinidade héteronormativa, para se proteger e preservar o amor de seus pares ou para afirmar a própria sexualidade e ficar desprotegido, correndo o risco de não ser aceito em seu próprio espaço familiar de pertencimento. Qualquer uma dessas escolhas implica em sofrimento, já que em

ambas é o “afeto-diáspora” que comparece desdobrando-se em ansiedade, resignação ou depressão.

Desde muito cedo as bixas pretas precisam enfrentar o próprio corpo e o próprio desejo como inimigo em potencial porque podem vir a deixá-las ainda mais desamparadas, como se viver num país onde a cada 23 minutos se mata um jovem negro não fosse terrível o suficiente. Soma-se a isso o fato de o Brasil ser um dos países que mais matam LGBTs no mundo. A cada 28 horas uma pessoa LGBT é assassinada no país<sup>5</sup>. Esses dados, ao se cruzarem sobre o corpo da bixa preta, fazem dela um alvo permanente da violência do racismo e da homofobia.

Ao afirmar a sexualidade, muitas bixas pretas precisam lidar com a não aceitação da família ou de parte dela. Certamente, contar para a família sobre sua sexualidade é uma das decisões mais delicadas e um dos momentos mais difíceis pelos quais a bixa preta passa para poder viver aquilo que se é. Colocar em risco o aconchego do lar, o colo de mãe e o afeto dos irmãos tem um efeito, por vezes, aterrorizante, na medida em que a família ocupa lugar especial de pertencimento e de segurança para a bixa preta. Muitas optam por não partilhar de si com a família; algumas partilham e acabam sendo rejeitadas; outras, felizmente, falam de si e são acolhidas pelos familiares.

Além da família, a experiência de refúgio e acolhimento que, por vezes, viviam na Igreja, em especial nas igrejas protestantes, é interrompida devido à impossibilidade de a maioria desses espaços acolherem a homossexualidade como um dom de Deus. Sair da igreja acaba sendo uma escolha não tão escolhida assim, de modo que muitas bixas pretas não rompem com a Igreja por não mais terem fé, mas porque a instituição força esse rompimento, às vezes de modo sutil, às vezes de modo violento. Elas, que costumam ser a Beyoncé do ministério de louvor ou a Viola Davis do grupo de teatro, deixam o púlpito por terem sido desprezadas, agredidas pelos que se autoproclamam cristãos. A Igreja perde um membro, o Cristianismo esvazia-se de sentido.

Que lugar para a bicha preta na economia do desejo?

O sucesso do modo de produção capitalista está na sua capacidade de interferir diretamente nas nossas formas de desejar e nos objetos desse desejo. O capital, ao mesmo

---

<sup>5</sup> Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/vinacius-de-vita/uma-pessoa-lgbt-morre-a-cada-28-horas-no-brasil\\_a\\_21701274/](https://www.huffpostbrasil.com/vinacius-de-vita/uma-pessoa-lgbt-morre-a-cada-28-horas-no-brasil_a_21701274/).

tempo em que disponibiliza um produto nas grandes empresas está produzindo em nós, por meio de um aparato midiático global, o desejo por aquele produto. Mas não apenas bens de consumo são produzidos pelo capital, ele vampiriza também nossa potência de desejar, sobrevive dela, e vai criando e nos vendendo, por meio dos dispositivos midiáticos, todo um modo de ser, estar, pensar, consumir e desejar. O capital é uma face da colonização, seu prolongamento, sua consequência direta, sua sofisticação mercadológica. A preocupação dos capital-colonizadores contemporâneos está menos em explorar territórios geográficos e mais em colonizar territórios existenciais (VEIGA, 2015) que perpetuem a lógica que o sustenta e que retroalimentem as engrenagens que mantêm o modo de produção colonial-capitalista. Dentre essas engrenagens encontra-se o racismo.

Sabemos que o problema do racismo é anterior à colonização e ao capitalismo, e remonta ao encontro dos povos leucodérmicos (brancos e amarelos) com os povos melanodérmicos (negros), aproximadamente a partir dos anos 4 mil antes de Cristo (MOORE, 2007). A configuração moderna do racismo via colonização/escravidão ganha novas roupagens na contemporaneidade. O racismo é condição de possibilidade para a existência e perpetuação do modo de produção capitalista que se sustenta na desigualdade de raça, da forma como foi herdada do colonialismo e da subsequente desigualdade de classes.

Sendo o racismo engrenagem do capitalismo, este vai operar de modo a perpetuá-lo, visto que o fim do racismo levaria ao fim do próprio capitalismo, como o conhecemos na atualidade. A manutenção do *status quo* racista se dá mediante a colonização do pensamento e do desejo que o capitalismo empreende por meio dos mega aparatos midiáticos globalizados. Se o desejo é colonizado pelo capital, que é branco, o que o desejo passa a desejar é a brancura. Que lugar então restaria para a bixa preta na economia do desejo?

As imagens relacionadas à beleza estão predominantemente ligadas à brancura. Dos deuses gregos às passarelas de moda, incluindo a publicidade, o cinema e a televisão, o branco ocupa o protagonismo da beleza e do ideal de consumo para o amor romântico. Crescer numa sociedade em que a beleza está no outro, e as marcas que o constituem física e historicamente são preteridas, tem um efeito subjetivo dilacerante sobre a constituição do senso de valor próprio, da autoestima.

Enquanto o capitalismo, com sua lógica de consumo e descartabilidade, afetou nossas maneiras de amar e de nos relacionar (ROLNIK, 2015), o racismo afeta a maneira como amamos a nós mesmos e como nos relacionamos com o outro, a partir desse amor. O racismo é a expressão de ódio a uma outra raça e, assim sendo, é comum que aqueles que são alvos

desse ataque permanente – por meio dos diversos dispositivos sócio-político-econômicos que essa sociedade supremacista branca produziu – acabem por introjetar esse ódio que vem do exterior e passem com isso a experimentar um doloroso afeto de auto-ódio. Certamente já ouvimos alguém dizer que “fulano é preto, mas é racista”; “ciclano é preto, mas é mais racista que muito branco”, para se referir às atitudes de pessoas negras em relação a si mesmas e aos demais membros de sua raça. Afirmamos, porém, que não existem negros racistas; o que existe são negros vivendo processos de auto-ódio.

Odiar seus traços, odiar a cor de sua pele, odiar sua história pessoal e a história do povo ao qual pertence. Desse ponto de vista, o racismo é um sucesso, porque consegue nos matar afetivamente, simbolicamente, para além ou aquém das estatísticas de homicídios de pessoas negras no Brasil. Mata-se por todos os lados e de múltiplas formas.

Com a autoestima enfraquecida, a bixa preta tenta lidar com a solidão e com o desejo de ser amada, ainda que por vezes creia, inconscientemente, que não merece receber amor. Tal crença, efeito do racismo em sua subjetividade, a deixa numa sensação de insegurança em relação ao seu valor próprio, mesmo quando está recebendo reconhecimento e amor de outras pessoas (FANON, 2008). A confirmação vinda do outro, seja amigo, familiar, namorado, não é suficiente para aplacar o medo de ser rejeitada e de viver uma solidão ainda mais intensa do que já vive. Esse medo da rejeição é uma introjeção do modo como a sociedade branca lida com pessoas negras: rejeitando-as. Ter crescido vendo os super-heróis sendo representados por homens brancos; seus personagens favoritos das novelas ou de muitos filmes serem brancos; as pessoas que ocupam lugares de poder na sociedade serem brancas; a pornografia *gay* em revista ou em audiovisual ser predominantemente composta por bichas brancas; os filmes de temática LGBT serem majoritariamente protagonizados por pessoas brancas, tudo são experiências de rejeição que as bixas pretas vivenciam, ainda que de modo inconsciente. Sua imagem não é representada, seu corpo quando aparece é, quase sempre, em posição subalterna ou de modo pejorativo. Sendo os diversos dispositivos midiáticos um dos principais vetores de produção do desejo e estando a bixa preta numa condição de rejeição dentro desses dispositivos, o lugar que lhe é relegado na economia do desejo é um não-lugar. Ser vista como exótica e ser constantemente fetichizada pelas bichas brancas são marcações desse não-lugar. Há uma redução da sua humanidade, da sua integridade como pessoa, que inclui sua personalidade, sua história, seus desejos, seu modo de ver e de estar no mundo a uma dimensão apenas corporal. O não-lugar da bixa preta na economia do desejo é o lugar de um corpo, por vezes, animalizado, em que a fantasia em torno do tamanho do pênis e de sua



performance sexual preenche o imaginário das bichas brancas, deixando pouco espaço para que a bixa preta possa entrar na economia do desejo como sujeito que tem um corpo e não apenas como corpo.

Os movimentos LGBTs são ainda muito atravessados pela supremacia branca e pelo racismo dela derivado, de modo que pessoas LGBTs negras, mesmo nesses espaços mais plurais – nos quais se pressupõe o acolhimento a todos aqueles que possuem uma sexualidade desviante da cis-hétero-norma –, experienciem a recusa dos membros brancos dessas comunidades de reconhecerem seus privilégios enquanto tais e de se engajarem numa luta LGBT que seja interseccional. Com Audre Lorde entendemos que “não existe hierarquia de opressão”, mas que existem acúmulos e, assim sendo, uma pessoa LGBT negra sofre maiores opressões do que uma pessoa LGBT branca. Lutar pelo fim da violência da lgbtfobia sem atrelar a essa luta o fim da desigualdade racial é uma maneira de os movimentos LGBTs reforçarem nas bixas pretas a sensação de não-lugar.

A sensação de não ter lugar, de não pertencimento, própria da experiência diaspórica, comparece também no campo do amor, da afetividade. A dificuldade nas relações amorosas comumente está relacionada com a baixa do seu senso de amor próprio. Não se amando como se é e vivendo com a sensação iminente de rejeição, a bixa preta, por vezes, cai em um desses complicados arranjos: ou não se permite amar e não suporta receber o amor do outro quando amada, ou ama e se submete a uma relação em que não é amada, ou ama e é amada, mas vive em estado permanente de ansiedade, devido à sensação de que a qualquer momento esse amor pode acabar.

Outros arranjos são possíveis, felizmente. O resgate de seu senso de amor próprio por meio do acesso ao que Nobles (2009) chama de “pulsão palmarina”, o desejo de ser africano e livre, reposiciona a bixa preta diante da economia do desejo. Ela faz o não-lugar a que foi relegada se transformar num lugar de afirmação, por meio do resgate de seu valor como descendente do povo “que há dois mil anos já trabalhava o ouro e a prata” (FANON, 2008, p.119). Reencontrar com sua história pessoal e com a história de seu povo dentro de uma narrativa própria, uma narrativa negra, e não atravessada pelo olhar branco-colonizador é um caminho para se relacionar de outro modo no campo afetivo, porque é um caminho para se

relacionar de outro modo consigo mesma. “A oxum perguntei: como encontrar o amor verdadeiro? Oxum respondeu: olhando sempre para o espelho”<sup>6</sup>

“Vida me fez flor, no mesmo corpo fez granada”

O resgate da autoestima e do senso de valor de sua história e de seu povo não são suficientes para expurgar os efeitos do racismo na subjetividade e no cotidiano da bixa preta. Pensar que se livrar das mazelas que o racismo produz é um trabalho psicológico que a bixa preta deve empreender é perder de vista toda engrenagem social que perpetua a supremacia branca e reproduz violências aos corpos negros. Destruir o racismo implica destruir o mundo tal qual ele se encontra agora. O trabalho sobre si, o autocuidado, tão fundamental para que a bixa preta siga viva num mundo que quer exterminá-la, é ferramenta de fortalecimento para o confronto permanente com a realidade social do racismo.

Como bixas pretas, vivemos no exercício de driblar a exaustão e de não sucumbir à tristeza que este mundo branco-héteronormativo gera em nós. “A tristeza é o fundamento da bixa bomba: o preço de destruir a merda toda que nos constrange é demorar tempo demais até notar que a explosão também te deixa destruída” (MOMBAÇA, 2017). Para nós não há saídas fáceis, nem rotas de fuga tranquilas. Há um trabalho permanente de confronto ao *status quo*, confronto que se dá simplesmente por existirmos. Ignorar o confronto é uma forma de resignar-se, um jeito de morrer aos poucos, bem devagarinho, enquanto o racismo vai sugando nossa energia vital. Olhar de frente para o confronto, assumi-lo, é espalhar granadas por todo tecido social, provocar explosões micro e macropolíticas, desestabilizações do *status quo*. Perfurar a branquitude com os ossos da fratura exposta que o racismo produziu em nós e ver o sangue branco se misturar ao nosso sangue negro até que ambos fiquem vermelhos.

“A minha pele preta é meu manto de coragem” diz Linn da Quebrada, na letra da música “Bixa Preta”. Nossa pele preta é ao mesmo tempo alvo e escudo, é razão de sermos atacadas e razão de resistirmos ao ataque. Jota Mombaça fala da resistência das bixas pretas em seu texto “*O mundo é meu trauma*”:

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.localprayers.com/BR/Alvorada/420117544733193/Centro-Espirita-de-Umbanda-Xang%C3%B4-agodo-e-Oxum-Panda>

Eles virão para nos matar porque não sabem que somos imorríveis, não sabem que nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras. Sim, eles nos despedaçarão, porque não sabem que uma vez aos pedaços nós nos espalharemos, não como povo, mas como peste, no cerne mesmo do mundo e contra ele (MOMBAÇA, 2017).

Situar-se contra o mundo, tramar o seu fim, para que outros mundos possam vir a ser possíveis. A necessidade de que esse mundo acabe como condição para o fim das violências do racismo e da homofobia, por vezes, nos atravessa, de modo a sentirmos que o que deve acabar somos nós mesmos. A morte entra pela soleira de nossas portas e pousa em nosso peito, dando-nos a sensação de que morrer seria o melhor remédio. Cada uma de nós cria estratégias próprias para o diálogo com a vontade de morrer, algumas de nós sucumbem a essa vontade e se entregam. A vontade de morrer não é nossa, é desse mundo. É o mundo branco que deseja nossa morte, que deseja perpetuar-se por meio do privilégio de poucos em detrimento de muitos. Viver é poder não atender a esse apelo mortífero do mundo branco-hétronormativo. Nossas vidas são sementes de um mundo porvir e granadas para a destruição do mundo atual. Carregamos em nós essa ambiguidade apocalíptica. “Bixa pre-TRA-TRA-TRA-TRA”.

Resistimos e seguimos pelo mundo em nossas existências diaspóricas, criando novas modalidades de acolhimento, novos sentidos de pertencimento, forjando nossos próprios quilombos. Os coletivos de bixas pretas, a amizade com as irmãs pretas hétero e lgbs, as relações amorosas saudáveis, as religiões de matriz africana são estratégias de sobrevivência, suporte para a vida cotidiana, afago para a solidão que nos toma ao anoitecer, e desempenham papel importante na reparação aos danos que as diásporas causaram em nossas subjetividades.

## Referências

- CARNEIRO, S. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: EDUFBA, 2008.
- HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MOMBAÇA, J. O mundo é meu trauma. *PISEAGRAMA*. Belo Horizonte, número 11, página 20 - 25, 2017.

MOORE, C. *Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

NOBLES, W. Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In: NASCIMENTO, E. (Org.) *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

PINHO, O. A guerra dos mundos homossexuais: resistência e contra-hegemonias de raça e gênero. In: RIOS, L.; ALMEIDA, V.; PARKER, R.; PIMENTA, C. (Orgs.) *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

ROLNIK, S. *Amor, o impossível e uma nova suavidade*. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Novasuavidade.pdf>.

VEIGA, L. *O analista está presente: a arte da performance de Marina Abramovic e a clínica*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Rio de Janeiro: UFF, 2015. Disponível em: [www.slab.uff.br/psm/uploads/2015\\_d\\_Lucas.pdf](http://www.slab.uff.br/psm/uploads/2015_d_Lucas.pdf).

Recebido em: 22 de abril de 2018.

Aceito em: 17 de junho de 2018.